

Pazzianotto: estatização não é solução palpável



s empresas de medicina de grupo estão ocupando o espaço deixado pela ineficiência do sistema previdenciário e médico do País. Esta é a opinião do ministro Almir Pazzianotto, do Trabalho, a respeito da crescente e necessária expansão dos sistemas de medicina de grupo no Brasil. Segundo o ministro, "o trabalhador, obrigado a recorrer às intermináveis filas do sistema previdenciário, criou para as empresas onde trabalha uma situação de fato. E isso fez com que elas, inspiradas em modelos dos exteriores, incentivassem ou investissem na criação de organizações de prestação de serviços médicos que atendessem aos seus funcionários e dependentes, suprimindo as deficiências dos órgãos governamentais".

OS SINDICATOS

O ministro Almir Pazzianotto reconhece que "os próprios sindicatos de trabalhadores se viram obrigados a sacrificar boa parte de suas receitas na criação e manutenção de



departamentos médicos, alguns, aliás, altamente sofisticados e com excelente padrão de serviços, superiores aos estatais".

"Na atualidade — lembrou o mi-

nistro — é rara a empresa de grande ou médio porte que deixa de recorrer à medicina de grupo". Pazzianotto acrescentou que isso vem ocorrendo não apenas nas capitais, mas também nas cidades de médio porte do interior, onde se localizam pólos industriais de grande importância para o sistema econômico nacional. "Passados mais de 20 anos do seu surgimento, as empresas de medicina de grupo continuam crescendo, ao mesmo tempo em que o sistema previdenciário continua deficiente".

O ministro disse que não está vendo "nenhum sinal de que a estatização da medicina venha a suprir o atendimento num espaço de tempo relativamente curto e nem as necessidades da população, seja ela empregada ou não". Pazzianotto lembrou que as empresas de medicina de grupo atendem também às famílias dos trabalhadores com grande eficiência. "Este fato é uma constatação irrefutável, tanto que além da medicina de grupo, têm sido criados sistemas de seguro-saúde".

"Eu enfatizo que entre as principais preocupações dos chefes de família está a saúde, porque nos recursos da Previdência hoje é a última coisa em que se pensa", concluiu o ministro do Trabalho.